

A ARTE DE INCULTURAR UMA LEITURA DO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DA VISÃO SEMITA À PATROLOGIA E AOS NOSSOS DIAS

O presente texto apresenta uma tentativa de compreensão do fenômeno de inculturação dentro da formação do pensamento cristão. Partindo de alguns elementos centrais da vivência religiosa dentro da visão bíblica, procuramos compreender como foram abordados e elaborados estes mesmos temas dentro da teologia dos padres, quando o dado revelado e suas inferências entraram em um novo universo sócio-cultural. A partir desta análise deveremos compreender o significado e a atualidade destes temas religioso-dogmáticos na teologia contemporânea.

Os temas analisados referem-se a alguns dos elementos próprios do universo religioso em geral e particularmente dentro da religião cristã. Serão abordados os temas da transcendência, da cosmovisão, da liberdade humana, da linguagem e da simbólica religiosa, a partir dos mitos e suas imagens. Assim, os elementos culturais e doutrinários serão aprofundados para compreender sua importância e sua validade dentro da prática da fé cristã de nossos tempos.

Na teologia patrística que determinará o eixo central do estudo trataremos de alguns autores do segundo século, como Aristides de Atenas, Justino de Roma e a Carta a Diogneto¹, analisando como eles reelaboraram os temas teológicos da revelação bíblica provindos da cosmovisão semita. A partir destes temas, procuraremos compreender, com o apoio de alguns autores modernos, como esses temas são refletidos e interpretados dentro da vivência religiosa moderna, descobrindo sua profundidade e sua validade pastoral, como resposta às questões religiosas da cultura contemporânea.

1. Os textos utilizados neste presente trabalho seguem a tradução e a citação numérica da COLEÇÃO PATRÍSTICA, editada pela PAULUS (São Paulo, 1995). As pesquisas foram realizadas num seminário de patrologia dos alunos do 1. ano de 1995, do INSTITUTO DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO e a parte gráfica foi realizada pelo Fábio Pires e Jadilson Pinheiro.

Trata-se de um ensaio simples, uma tentativa de compreender como pode ser trabalhado o processo de inculturação dentro da prática da fé de nossas comunidades. Estes temas tratados sucintamente servirão de modelo do processo de inculturação dos temas teológicos da prática cristã.

1. A VISÃO DA TRANSCENDÊNCIA

Desde os primórdios da Igreja e ainda mais no período patrístico buscava-se fundamentar pontos básicos do cristianismo nascente. Com a cultura helênica, o pensamento cristão torna-se mais conceitual e menos simbólico. Enquanto na Bíblia Deus é designado como criador do céu e da terra (Gn 1, 1), como também o eterno (Sl 90,2) e o todo-poderoso (Ap 4,8), para Aristides de Atenas, por exemplo, Deus é concebido como o onipotente e a causa do universo e de tudo o que nele existe, chegando-se a esta conclusão através do movimento do universo.²

A respeito da manifestação de Deus ao povo eleito, a Escritura descreve como uma proposta de pertencer a Ele para todas as nações (Is 65,1-3). Para Justino, a salvação não consiste na observância estéril de leis, mas sim na conversão dos pecados.³ Há portanto uma diferença entre os bons e os maus. Sendo assim, surge a questão do lugar onde estes privilegiados da conversão se encontrarão e uma alusão do mesmo Justino salienta a que a presença das almas dos justos será num lugar melhor e que as dos injustos terão um em outro enquanto estas esperam sua sorte, ou seja, o castigo⁴.

Para a América Latina e as ilhas do Caribe, a imagem de Deus é refletida a partir de uma situação histórica determinada, pois o crente faz parte de uma trama cultural e social. A autoconsciência da finitude humana torna o fiel sensível a infinitude de Deus, logo não há contradição entre sua experiência e os aspectos bíblicos e da tradição da Igreja quando se referem aos conceitos sobre Deus.

“Deus é amor” (1 Jo 4,8), logo Deus é o Deus da vida. Ele se faz parte da história humana e é na encarnação que sua presença alcança o ápice.⁵ Outra vertente da reflexão da teologia latino-americana está na “libertação do povo” da escravidão do Egito, (Cf. Ex 1, 1-15, 21). A semelhança entre a situação de opressão que vive o povo do continente, trouxe à memória popular, o sofrimento do povo de Israel e de como “Deus” o tirou das amarras egípcias, assim, o povo oprimido reflete e vivência a experiência do Deus Libertador.

Retomando o pensamento de Justino que alude às imagens de locais onde as almas dos justos e injustos supostamente ficariam para aguardar o julgamento. Veremos de maneira rá-

2. Apologia, 1,2: “Vendo, porém que o mundo e tudo o quanto nele existe se move por necessidade, entendi que aquele que o move e o mantém fortemente é Deus (...) é sem princípio e eterno, imortal e sem necessidade”.

3. JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 26,1: “(...) aqueles que perseguiram e continuam perseguindo Cristo, e não fazem penitência, não terão parte alguma na herança do monte santo(...) as nações que creram nele e fizeram penitência de seus pecados encontrarão na parte da herança (...) ainda que não observem o sábado, nem se circuncidem, nem guardem as festas(...)”.

4. *Ibidem*, 5: “(...) eu não afirmo que todas as almas morram. Isso seria uma verdadeira sorte para os maus. Digo, então, que as almas dos justos permaneceram num lugar melhor e as injustas e más ficam em outro lugar, esperando o tempo do julgamento”.

5. G. GUTIÉRREZ, *O Deus da vida*. São Paulo, Loyola, 1990, p.23. “O Deus da vida se faz presente na história humana; essa presença alcança sua máxima e radical expressão na encarnação do Filho”.

vida algumas idéias sobre céu, inferno e purgatório numa visão, se não tão moderna, ao menos atual. A doutrina do purgatório levou doze séculos para se firmar na teologia cristã, e ainda hoje é muito presente no imaginário popular.

Os inícios são obscuros. O livro dos Macabeus oferece uma primeira base (2Mc 12, 38-46), porém não é uma referência direta. A doutrina do purgatório foi usada por muitos durante a história nas mais diversas conjunturas eclesiais, sociais, políticas e culturais. Na atualidade não se concebe mais o purgatório como lugar, mas como processo.⁶ Uma outra visão é a de considerar o purgatório como um processo pessoal e histórico onde a pessoa supera suas contradições e egoísmo até o encontro definitivo com Deus. É a imagem do coração que sofre por não ter correspondido ao amor⁷

Se o inferno é uma frustração eterna, o céu só pode ser a realização absoluta da vida, para o Vaticano II, ele começa na terra, na luta (GS 39) dos homens para que o grande banquete do Criador seja possível para todos. Nesta linha de pensamento podemos refletir, que na realidade sofrida da América Latina, o caminho do céu passa necessária e obrigatoriamente pelo dom da vida em favor da libertação dos pobres. Este elemento soteriológico agrega-se à nossa visão transcendental da fé cristã.

2. PROCESSO INCULTURADOR DOS CONCEITOS

Na propagação da fé cristã pelo mundo grego muitos ensinamentos eram feitos ainda com uma visão semítica, porém, a medida que alguns gregos assimilavam e buscavam a essência da fé cristã, esforçando-se por divulgá-la e tendo que distinguir o cristianismo do judaísmo e do paganismo, faziam uma releitura da fé a partir das categorias e conceitos gregos. Daí o aparecimento de termos gregos na formulação da doutrina cristã na explicitação de seu conteúdo.

O Deus a quem os cristãos adoram e que merece ser adorado por todos os povos é o primeiro motor-ordenador de tudo, sem princípio, eterno e imortal segundo Aristides.⁸ Nesta mesma linha de pensamento sobre Deus seguem os escritos de Justino e a Carta a Diogneto: Deus é o “*Senhor e criador do universo, que fez todas as coisas e as estabeleceu em ordem, Deus que não só se mostrou amigo dos homens, mas também paciente.*”⁹

Essa mesma Carta afirma que Jesus Cristo, o Verbo, foi enviado ao mundo para a manifestação da graça de Deus.¹⁰ Essa manifestação de Cristo ao mundo teve como finalidade a salvação da humanidade, mas para que isto acontecesse, “*Ele quis, espontaneamente, experimentar a morte, por meio da cruz e, depois de três dias, ressuscitar*”¹¹. Esta expressão assemelha-se muito ao que lemos nos escritos bíblicos do Novo Testamento, principalmente

6. J. B. LIBÂNIO e M. C. L. BINGEMER, *Escatologia Cristã*. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 239: “*A concepção geográfica do purgatório cede lugar para uma compreensão processual. Não é mais pensado como lugar, onde as almas se detêm mais ou menos tempo, sofrendo sob as chamas de um fogo único e original, capaz de queimas uma alma*”.

7. cf. *Ibidem*, p. 242.

8. Nota-se nestes escritos a influência da língua grega sobre a semítica, pois termos como “primeiro motor” (em Aristides) e “pantocrator” (a Diogneto) só existiam entre os gregos, que se dedicavam ao estudo da cosmologia e à filosofia (Cf. também Carta a Diogneto, 9,1)

9. Cf. *Carta a Diogneto*, 8,7

10. *Ibidem*, 8,7

11. Cf. ARISTIDES DE ATENAS. *Apologia*, 15,1

nos escritos do apóstolo Paulo: “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4).

Nota-se uma afinidade de conteúdo com linguagem peculiar de duas culturas distintas, a bíblica e a patrística.

3. A ABORDAGEM DA COSMOVISÃO

Temos a narrativa bíblica: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1) A partir desta manifestação criadora de Deus, vemos a preocupação de Justino em relatar que Deus fez o mundo não por acaso mas em benefício do gênero humano¹², e vemos Aristides insistir que quando Deus cria o universo (cosmo) faz dele uma criatura e só Ele é o criador, é superior, é eterno.¹³

Justino, numa linguagem filosófica salienta a incorruptibilidade de Deus¹⁴, quando se envolve em uma discussão em torno da questão se o mundo é criado ou incriado, se teve um princípio e terá um fim. Qualquer que seja o resultado da disputa, se Deus é o criador, ele é o autor da criação, só o criador é incorruptível. Criadas por Ele e conforme sua vontade, as criaturas podem ser incorruptíveis, ou corruptíveis. Dá-se assim a visão cosmológica-filosófica da explicação da dependência do mundo.

Aristides fala sobre uma causa eficiente, que pode ser Deus, pois esta é superior à obra criada.¹⁵ Justino afirma que isto vem a ser uma força de transformação das coisas¹⁶ pois que no livro do Gênesis (9, 11-12), o próprio Deus faz aliança com Noé e lhe promete que não vai destruir a terra mas sim manter tudo o que criou para que os homens possam crescer e transformar o mundo. Pode-se afirmar que uma primeira forma de inculturação brotou dessa experiência com o transcendente que se encarna e se explicita conforme essa experiência.

Vê-se nesta busca de compreender o processo de inculturação que Justino aponta para dois momentos que de certa forma são envolvidos no processo. É a questão do fim do mundo e da relação entre os cristãos e a natureza¹⁷ e, num segundo momento, o desprezo do mundo material em favor do espiritual.¹⁸

Refletindo sobre a visão cristã, o pensamento patrístico condena e combate a dualidade filosófica platônica propondo interação da vida espiritual e da vida material, a partir da unidade corpo-espírito, do humano e do divino em Jesus Cristo.

3. 1. Uma Cosmologia para nossos dias

O primeiro ato de amor de Deus ao homem foi a criação. Esse amor de Deus já vem sendo proposto desde o tempo da patrística como a razão pela qual Deus se manifesta criando o universo e pondo nele o ser humano.

12. JUSTINO. o. cit.: 3.2: *Nós aprendemos que Deus não fez o mundo por acaso, mas por causa do gênero humano, e já dissemos que ele se compraz com aqueles que imitam as suas qualidades e, em troca, se desagrada com aqueles que, por palavras ou obras, se entregando ao mal.*

13. ARISTIDES, o. cit., 4.2.: *Erram aqueles que crêem que o céu é Deus, pois o vemos mudar, mover-se por necessidade e que é composto de muitos elementos e, por isso, se chama cosmo ou ordem. Pois bem. Toda ordem é construção de algum artifice e todo o construído tem princípio e fim. Assim, é evidente que o céu não é Deus, e sim obra de Deus.*

14. JUSTINO, o. cit., 5.4: *Com efeito, além de Deus, tudo o que existe possui natureza corruptível e sujeita a desaparecer e deixar de existir. Apenas Deus é incriado e incorruptível e por isso, ele é Deus, mas, além dele, todo o resto é criado e corruptível.*

15. ARISTIDES, o. cit., 1.2: *Digo, portanto, que Deus, o mesmo que ordenou tudo e o mantém fortemente conservado, é sem princípio e eterno, imortal e sem necessidades, acima de todas as paixões e defeitos, da ira, do esquecimento, da ignorância e de tudo o mais, por ele, provém, tudo subsiste.*

16. JUSTINO, *Apologia II*, 6.3: *Com efeito, nós dizemos que acontecerá a conflagração universal, mas não, como dizem os estoicos, por causa da transformação de umas coisas em outras, pois isso nos parece muito torpe. Também nós dizemos que os homens agem ou sofrem por necessidade do destino, mas que cada uma age bem ou peca por sua livre determinação.*

17. Justino assim se expressa “Deus também adia pôr um fim à confusão e destruição do universo, por causa da semente dos cristãos, recém-espalhada pelo mundo, que ele sabe ser a causa da conservação da natureza”. *Ibidem* 6.1

18. *Ibidem*, 12.1: *Eu mesmo, quando seguia a doutrina de*

Platão ouvia as calúnias contra os cristãos. Contudo, ao ver como caminhavam intrepidamente para a morte e para tudo o que é considerado espantoso, comecei a refletir que era impossível que tais homens vivessem na maldade e no amor aos prazeres.

19. Segundo W. Kern, *O amor agápico de Deus exclui toda necessidade: é doação livre, incondicionada e não motivada por nenhuma necessidade mesmo a mais sublime*. Apud. A.G. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, p.231.

20. ARISTIDES, o. cit., 1.2: *Vendo, porém que o mundo e tudo o que nele existes e move por necessidade, entendi que aquele que o move e o mantém fortemente é Deus, porque todo aquele que move é mais forte que o movido e todo aquele que mantém é mais forte que o mantido*.

21 P. TILLICH, *Teologia Sistemática*. São Paulo, Paulus, 1984, p. 106. "A natureza em seções especiais ou a natureza como um todo pode ser um meio de revelação em uma experiência estática".

22. A. G. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*. p. 240: *A Revolução Industrial apoiada na ciência experimental despedaçava a visão antiga de mundo, mudava o relacionamento do homem com a natureza e modificava a autocompreensão do homem bem como seu relacionamento com Deus*.

O ser humano é o grande elemento da criação e sua criação estabelece um laço especial com Deus. Ele é feito a imagem e semelhança de Deus e é chamado a entrar em convivência e comunhão com Deus. Deus criou o universo todo em vista a felicidade humana. Mas a criação nos leva a admitir o grandeza do ato criador de Deus. O Criador fazendo com que também o homem fosse ativo e atuante, a partir da sua criatura completa seu gloria na atualização de suas potencialidades.

Embora hoje, na modernidade, tenhamos concepções divergências pois não aceitamos que uma necessidade da criação justifique o objetivo divino,¹⁹ aceitamos com ambos o que professam quanto consideram ser a vontade de Deus que os outros (nós) participassem do gozo de existir.

A criação é definida também como "verbum" da revelação. Para Aristides a contemplação do mundo criado reflete a beleza e a ordem existentes em Deus²⁰, ao que acrescenta Tillich que é possível ver na natureza uma experiência de revelação.²¹

Na patrística, o universo é visto como criatura que está sob o poder do Criador de maneira submissa, na modernidade, o universo é manipulável e o ser humano é o grande transformador de tudo o que existe, colocando-se na posição de superior no mundo.²² Desta visão cosmológica cristã moderna, concebemos uma nova relação entre a divindade e o ser humano na história. A visão do Deus criador é fundamento para a liberdade humana. Mas é também o fundamento para aceitar nossa existência atendendo a sua vontade e aceitando nossos próprios limites; aceitar que somos responsáveis; que somos também co-criadores, transformando e adaptando o mundo para ser morada humana.

Esses poucos elementos ajudam-nos a compreender a fé num Deus criador, sem diminuir nossa liberdade, pois se somos criados livres, também somos criadores responsáveis. Esses argumentos movem-nos a considerar as características especiais do mundo diante da existência de um ser superior. Eles são válidos na medida em que permitem uma análise da realidade, indicando que a questão cosmológica da presença de Deus é inevitável.

A palavra **criação** é uma dessas palavras-símbolo para descrever a relação de Deus com o universo. A criação não é só liberdade de Deus, mas também seu destino. Não é, portanto, fatalidade ou uma necessidade e nem há um acidente que o determine. A doutrina da criação não é a história de um evento no pretérito, é a descrição básica da relação entre Deus e o mundo.

4. A LIBERDADE HUMANA

Os Padres da Igreja foram pioneiros no esforço de compreender orgânica e analogicamente a fé. A teologia deles é

fundada sobre a história da Salvação e aberta à assimilação de elementos culturais da época.

Os padres ajudam-nos a perceber a perspectiva original da tradição. Assim, quando ensinam com unanimidade alguns temas doutrinários ou morais, são considerados testemunhas privilegiadas da tradição, pois exprimem a consciência eclesial em tempos vizinhos das origens cristãs.

Alguns textos bíblicos poderiam dar a impressão de negar a liberdade humana de opção, a quando insistem na soberania da vontade de Deus (cfr. Is 6, 9 s.) a tal ponto que ela pareça exclusiva. Consideremos porém a maneira semita de considerar diretamente a causalidade divina, sem mencionar as causas segundas. Nem mesmo a afirmação paulina da predestinação (Rm 8, 29 s) não permite concluir como total negação da liberdade humana.

A tradição bíblica supõe que o homem é capaz de tomar decisões livres e constantemente apela à sua capacidade de opção: pertence ao homem escolher entre a bênção e a maldição, ou entre a vida e a morte (Dt 11,26).

A visão bíblica não fez desaparecer a aparente oposição entre a soberania divina e a liberdade humana, mas disse o suficiente para podermos compreender que a graça de Deus e a livre obediência do homem são ambas necessárias para a salvação e que ambas interagem dialeticamente.²³

Na patrologia, vemos que a liberdade é uma adesão a Cristo. Não se trata de uma imposição de preceitos. De fato, esta idéia está em consonância com a noção neotestamentária de liberdade segundo a qual, em Cristo, a liberdade ganha uma dimensão inteiramente nova, tornando-se uma libertação redentora (do pecado, da lei e da morte).

O pensamento de Justino, por exemplo, ressalta a liberdade do cristão frente à lei, pois, mais vale circuncidar o coração,²⁴ reconhecendo Jesus como Deus, e guardar a sua lei eterna.²⁵

A lei na proposta bíblica, nasceu da benevolência divina (cf. Rm 7, 12) e realça o pecado; pois, “*possui apenas a sombra das coisas vindouras, não a sua substância*” (Hb 10, 1). Assim, não se opõe à liberdade humana. Isso se completa na visão Patrística, onde a liberdade humana consiste em amar a Deus com lealdade a fim de que os homens possam conhecer o que Deus lhes preparou. Contudo, Deus deixou-os livres para escolherem entre o caminho da vida, marcado pela lealdade a Deus, e o caminho da morte, que é a desobediência ao projeto de Deus.

A literatura patrística aproxima-se do pensamento neotestamentário na superação do legalismo, porque não impõe regras para a alimentação, o respeito ao sábado, a circuncisão, jejuns ou sacrifícios. Deus não tem necessidade de tudo isso que criou, nem mesmo dos seres humanos. Mas, todos pertencem a ele. Somos livres para amá-lo em todo tempo e lugar.

23. L. ROY, *Libertação/Liberdade*. Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis, Vozes, 1971, pp. 525-526.

24. JUSTINO, o. cit., 15.7 “*Circuncidai (...) o prepúcio do vosso coração, como o pedem as palavras de Deus em todos esses discursos*”

25. *Ibidem*, 28.4: “*De fato, ela (a circuncisão) não serve para nada, nem para os egípcios, nem para os filhos de Noab e de Edon. Em troca, mesmo quando se trata de um cita ou persa, se ele conhece Deus e Jesus Cristo e guarda a lei eterna, ele está circuncidado com a boa e proveitosa circuncisão, é amado por Deus, e Deus se compraz com seus dons e ofertas.*”

26. *Carta a Diogneto*, 5,10: Os cristãos "obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis."

27. JUSTINO, o. cit., 14,2: "Na natureza humana existe a faculdade de conhecer o bem e o mal".

28. JUSTINO, o. cit., 6,3: "Não dizemos que os homens agem ou sofrem por necessidade do destino, mas que cada um age bem ou peca por sua livre determinação".

Define-se como tal a identidade cristã. Os cristãos obedecem às leis, sem se prenderem servilmente a elas.²⁶ Para isso, Deus concedeu aos cristãos a faculdade de discernir entre o bem e o mal.²⁷ Desse modo, o homem pode optar por um desses dois caminhos, se bem que a reta razão procura evitar as coisas más. Assim, a possibilidade de livre escolha descarta o destino e enfatiza que o homem é responsável por seus próprios atos.²⁸ Isso contraria o pensamento estoíco, segundo o qual existe um destino-providência. Dizer que tudo que os homens fazem acontece por necessidade de destino é ir contra toda idéia prudente, contra toda razão e inteligência e, até mesmo, contra a intenção de Deus, ao criar livre o homem.

5. A LIBERDADE EM NOSSA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Os moralistas atuais consideram a liberdade como uma realidade tensional, dialética e também dramática.

Monden faz um estudo da liberdade tendo em conta os condicionamentos a que ela está submetida. Ele disse que a moral clássica conhecia um tratado sobre os impedimentos intrínsecos e extrínsecos da liberdade. Tal posição jurisdicista parece hoje em dia, superada. Com efeito, a liberdade não é uma faculdade de decisão perfeitamente autônoma e que somente fatores acidentais podem diminuí-la momentaneamente. A imagem do homem que a antropologia contemporânea apresenta é diferente: nela se considera a liberdade humana como uma liberdade "situada"; a dialética da liberdade e do determinismo é, portanto, inerente a todo ato humano.

Segundo Ricoeur, a ação humana tem que ser entendida na dualidade dramática do voluntário e do involuntário. Esse dramatismo se percebe nos três momentos em que Ricoeur decompõe a estrutura do ato humano: decidir, fazer e consentir. A partir dessa estrutura dialética do agir humano, Ricoeur chega a conclusão de que o único que existe é uma liberdade somente humana. Nesta conclusão, que é também a conclusão de seu estudo sobre o voluntário e o involuntário, é onde reside o paradoxo radical da liberdade humana. Daí que não se pode exaltar excessivamente a chamada ética da pura responsabilidade sem ter em conta as incoercíveis exigências de nossa condição corporal. Mas, tão pouco se pode cair numa ética da pura necessidade.

Nossa liberdade é somente uma liberdade humana: uma liberdade dramática no interior de uma dialética de fatores deterministas e não deterministas. Esta liberdade humana, porém, não se consegue compreender se não for em relação a certos conceitos-limite. Dentro desses conceitos-limite destaca o conceito de Deus, como realização suprema da liberdade.²⁹

29. cf. Marciano VIDAL, *Moral de Atitudes*, vol. I, Aparecida, Santuário, 1978, pp. 306-307.

templados os sacrifícios humanos das culturas pagãs aos ídolos. Não há mais necessidade de sacrifícios humanos, porque Jesus, o Filho de Deus entregou-se pela vida de muitos.

O processo de inculturação teológica é necessário, como foi positivo no mundo antigo, como crítica da cultura de morte expressa nos ritos sacrificiais. Também será positivo inculturar a mensagem de Jesus, superando a visão sacrificial de sua crucificação.

7. 2. Outros elementos inculturados

Quanto à circuncisão no mundo judaico, sabemos que se impunha como sendo obrigatória, pois era um preceito que percorreu gerações e parecia se perpetuar, uma vez que tal preceito foi imposto por Javé como sinal da aliança. “*Da tua parte cumprirás a minha aliança, tu e a tua descendência, nas futuras gerações. Eis o pacto estabelecido entre Mim e vós, que tereis de respeitar: todo homem entre vós será circuncidado...*”³⁶ Ao estabelecer a circuncisão ao patriarca e a seus descendentes, Deus eleva e consagra o seu significado original, estabelecendo-a como condição do pacto religioso ou aliança sagrada entre Ele e o povo eleito, sinal impresso na carne viva. Esta ritualidade é superada na visão neo-testamentária.

São Paulo tenta mostrar que a circuncisão não foi para Abraão uma obra que o justificou, mas era apenas um sinal de justificação que recebera pela Fé. Por isso, ele é pai de todos os que crerem, sejam eles circuncisos ou incircuncisos. Com isso, Paulo pretende mostrar que a cima de tudo vale a Fé em Deus Pai e em seu Filho Jesus Cristo. Portanto, a circuncisão já não se impõe como imperativo da fé (Rm 4, 9ss). Assim Aristides mostra que o mais importante é possuir o verdadeiro conhecimento de Deus e distinguir-se como cristão pelos bons costumes³⁷

Para Justino o mais importante não é a circuncisão da carne mas sim a espiritual e apresenta alguns argumentos para provar que a circuncisão carnal não é imprescindível para a vida da Fé. Ele diz, por exemplo, que o fato de que o sexo feminino não possa receber a circuncisão da carne prova que essa circuncisão foi dada como sinal e não como obra de justificação.³⁸

A questão da circuncisão hoje não se coloca como problema teológico. Ao que tudo indica, ele deixou de ser um problema de fé para se transformar simplesmente numa questão cultural.

Citamos ainda um elemento cultural semítico muito significativo que é a “*consagração do sábado*”. Uma vez que este dia foi consagrado como dia de descanso pelo exemplo do próprio Deus, ele se tornou à semelhança dos demais mandamentos, algo inviolável no mundo semita. Além desse aspecto que acabamos de sublinhar o sábado era dia festivo; dia da “*liberação*”

36. Gn 17,9-10. A circuncisão que consiste na oblação do prepúcio nos indivíduos do sexo masculino era um rito difundido entre muitos povos do mundo antigo. Ainda hoje é praticada pelos árabes, assírios, judeus e africanos. Ela constitui um rito de agregação à casta viril da sociedade.

37. ARISTIDES, o. cit., 15-17.

38. JUSTINO, o. cit., 23.

do Egito, do trabalho da servidão; dia do anúncio dos bens futuros — escatologia. (Is 56, 1-6).

Para Justino Deus ordenou o sábado para que o povo se lembrasse d'Ele. As palavras que ele usa mostram claramente isso: “Deus, portanto, vos ordenou o sábado para que vos lembrásseis d'Ele. Com efeito, sua palavra diz isso, quando ele fala: ‘Para que conheçais que eu sou o Deus que vos libertou.’³⁹

Atualmente não encontramos a questão do sábado no seio das controvérsias teológicas, pois esta questão foi superada com a aceitação do domingo que possui um sentido pascal e que vale como símbolo cultural de uma doutrina.

Assim, o essencial é o conteúdo do “dia do Senhor” e a sua organização ritual e disciplina é apenas instrumental e “inculturável” conforme a índole de cada povo em particular.

8. INCULTURANDO A LINGUAGEM

Quanto á linguagem como expressão da fé, sabemos que uma comunidade cria uma linguagem e a sua significação específica para construir um mundo expressivo dos seus valores. O mundo sob a forma de cosmovisão é o instrumento da expressão do espaço e tempo humanos. Sem a linguagem ele não tem vida. A constituição real da linguagem não é a emissão de sons ou sinais, mas sua estruturação em uma cosmovisão.

A linguagem ou a palavra tem o poder da criação, pois dá sentido e existência às coisas. A linguagem real o interesse vital do homem que a pronuncia, é a ordenação do seu universo. Pela linguagem o homem cria sua cultura, seu mundo, a partir de suas necessidades vitais. Assim, falar de inculturação não só é aprender uma língua e decorá-la, é penetrar no mundo do outro, da sua cosmovisão, no seu modo de viver, no jeito de ser.

Temos a passagem da cultura semita para a cultura greco-romana, enquanto a primeira usa uma linguagem narrativa a segunda, usa uma linguagem mais conceitual. Na cosmovisão da criação do mundo, tem-se idéias opostas por que enquanto para a cultura grega o mundo é criação do Demiurgo, para o mundo semítico, é Deus o criador. Mas pode-se observar a influência grega na definição dos conceitos.⁴⁰

A idéia do tempo na linguagem semítica é concebida como uma flecha disparada para o futuro em promessa de Deus.⁴¹ No entanto, no universo lingüístico grego, o tempo é concebido como um eterno retorno sobre si mesmo, porque tudo se repete baixo o sol. (Eclo 1,9).

Num outro aspecto, o universo lingüístico grego é dualista: positivo/negativo, alma/corpo, matéria/espírito, etc., não admite as alegrias e gozos da vida, e pode-se ver a influência da cultura

39. Ibidem, 19.

40. Citamos alguns exemplos: Universo como criação/obra de Deus, *Carta a Diogneto*, 6,4; Deus como criador do mundo para o ser humano, JUSTINO, o. cit., 20,2; Ordem do universo é criação de Deus, ARISTIDES, o. cit., 4,2; Deus como criador do universo, JUSTINO, o. cit., 7,2; Deus como princípio e fim do universo, Ibidem, 5,4.

41. JUSTINO, o. cit., 5,4

grega no mundo cristão.⁴² Agora bem, na concepção semítica de verdade, ela é o que existe, o que se faz, o que se revela, existencial. Enquanto na linguagem grega a verdade é eterna e universal e não coincide com nada de quanto se realiza na matéria.

A linguagem usada na época patrística tem uma significação dirigida a argumentar e defender o cristianismo, porém, houve suas exceções enquanto se reconhece que as sementes do Verbo se encontram espalhadas nas culturas.⁴³

Para se falar de inculturação hoje, tem-se em consideração também a cultura moderna que apesar do processo de racionalização e de fragmentação da vida, revelando uma nova presença do sagrado ou uma volta ao sagrado: procurando respeitar o pluralismo religioso e a liberdade de escolha, deve-se estar atento aos sinais da presença de Deus na vida. Enfim, inculturação hoje tem que ver com libertação enquanto entendida como salvação histórica.⁴⁴ numa linguagem libertadora.

10. CONCLUINDO

Como resposta ao ser humano no mundo, o cristianismo parte da encarnação histórica de Deus em Jesus Cristo. Essa situação insere-se num universo cultural e explicita seu conteúdo em suas categorias, linguagem, representações míticas e místicas. Dentro deste universo específico, o conteúdo da fé se revela compreensível aos povos. E seus elementos foram incorporando as culturas onde a fé era revelada durante os séculos. É o caso particular da teologia patrística que testa e dá o estatuto metodológico desta inculturação.

O conteúdo da fé continua a ser revelado em nossos dias e sua inculturação é fundamental para que a mensagem de Cristo e seu projeto continue a ser uma proposta atual para a transformação do mundo contemporâneo em Reino de Deus.

*P. Antonio Sagrado Bogaz
Professor de Liturgia e Pastoral da Liturgia
Instituto Teológico São Paulo
Alunos do 1º Ano de 1995.*

42. Imagem de um mundo separado, *Carta a Dogneto*, 6.1; Desprezo do mundo material, ARISTIDES, o. cit., 12,1; Desprezo do mundo material em favor do espiritual, JUSTINO, o. cit., 12.1.

43. Os textos de Justino confirmam a convicção que Deus está presente em outros povos. Cfr. o. cit., 24,1.4.

44. I. SUTTER, *Religião e Cultura: a questão da Inculturação*. Em *ESPAÇOS* 1 (1993-2), p.93.